

PALAVRAS DOS EDITORES CONVIDADOS: DESCOLONIZAÇÃO DO SABER: A CHINA E AS LITERATURAS NEOLATINAS EM DIÁLOGO

FAN Xing 

Universidade de Pequim, China

Fabio Akcelrud DURÃO 

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

WEI Ran 

Universidade de Tsinghua, Pequim, China

ZHANG Wen 

Universidade de Pequim, China

“Vês aqui a grande máquina do Mundo.” No Canto X de *Os Lusíadas*, Tétis apresenta a Vasco da Gama a “máquina do mundo”: estrelas, mares, terras, rotas e nomes de lugares remotos reúnem-se numa totalidade que pode ser contemplada. Europa, África, oceano Índico, China e o território então chamado Santa Cruz, que mais tarde se tornaria o Brasil, encontram todos o seu lugar nessa ampla visão cosmográfica e geográfica. A força dessa cena reside não apenas em apresentar um espaço global do início da modernidade, mas também em revelar como o “mundo” pode ser organizado por meio de um mecanismo de mediação: ele é reduzido, ordenado, nomeado e exposto a um olhar autorizado.

Essa imaginação do mundo como uma totalidade organizada e visível também nos oferece um ponto de entrada para compreender as relações literárias contemporâneas. Desde a segunda metade do século XX, revistas acadêmicas em língua inglesa, índices de citações, bases de dados, rankings universitários e discursos teóricos sobre a literatura mundial passaram a constituir novos dispositivos de legitimação. Embora esses dispositivos correspondam apenas a uma parcela limitada do conjunto das relações literárias, condicionam cada vez mais as circunstâncias em que textos, traduções, discursos críticos e teorias

podem alcançar visibilidade “internacional”. Várias conexões preexistentes entre literaturas e culturas, situadas fora dos sistemas anglo-americanos, não desapareceram com a ascensão desses mecanismos. No entanto, muitas vezes precisam ser renomeadas, classificadas e citadas no interior de sistemas de língua inglesa, para serem mais prontamente reconhecidas como parte da literatura mundial.

O presente dossiê, intitulado “Descolonização do saber: a China e as literaturas neolatinas em diálogo”, procura responder a essa questão examinando as relações entre a China e as literaturas escritas em francês, italiano, espanhol e português. A escolha desse conjunto de relações não pretende estabelecer a China como um novo centro interpretativo; justifica-se, antes, por sua relevância metodológica específica. Ao contrário dos intercâmbios que ocorrem em regiões geográfica ou historicamente próximas, as relações entre a China e as literaturas em línguas neolatinas se desenvolvem entre línguas, histórias e heranças civilizacionais relativamente distantes. Ao mesmo tempo, essas relações possuem uma longa tradição anterior à globalização contemporânea e permanecem ativas hoje na pesquisa acadêmica, na edição, na tradução e na recepção dos leitores.

Isso não significa que o diálogo entre a China e as literaturas em línguas neolatinas esteja livre de mediações. Sabemos que os intercâmbios literários e culturais nunca são inteiramente transparentes. Dos missionários, viajantes e tradutores de séculos passados aos pesquisadores, editores e leitores de hoje, muitos agentes participam da constituição dessas relações. Mal-entendidos, reescritas, apropriações e reinterpretações não são meros desvios; frequentemente se tornam modos importantes pelos quais novas formas culturais respondem a novos problemas. O que exige atenção é o momento em que determinada língua, instituição acadêmica ou genealogia teórica passa a ser tomada como o único meio legítimo, transformando a mediação de canal criativo em mecanismo hierárquico de seleção. Nesse sentido, o dossiê dá forma concreta à questão da “descolonização do saber” ao examinar, por meio de estudos de recepção, tradução e interpretação, como a China e as literaturas em línguas neolatinas se leem, se traduzem e se reconfiguram mutuamente.

O artigo “Une nouvelle littérature ou une autre littérature ? – Les littératures francophones du Sud global vues depuis la Chine” oferece uma ampla porta de entrada para o dossiê. Ao examinar a recepção e o estudo, na China, das literaturas francófonas do Sul Global, a autora mostra que a chamada “recepção” não é o ponto final de um texto depois de sua entrada em outra língua, mas uma atividade interpretativa que se reajusta continuamente segundo as condições nacionais e as mudanças históricas. As leituras chinesas dessas literaturas envolveram aprender com experiências anticoloniais, lutas

de libertação nacional e transformações sociais, bem como manifestar solidariedade a elas. Ao mesmo tempo, os encontros com essas tradições literárias também podem permitir à literatura e ao pensamento chineses refletir sobre sua própria experiência histórica a partir de uma perspectiva renovada. Assim, a ideia de “outra literatura” aponta não apenas para um modo alternativo de classificação, mas também para um possível ponto de partida para repensar a literatura mundial.

Os dois artigos seguintes retomam esse ponto de partida em outra configuração, mostrando como clássicos literários estrangeiros foram mobilizados por intelectuais chineses como recursos para o pensamento e a transformação histórica. Em “La fortune de Victor Hugo dans les révolutions chinoises modernes (1900-1949)”, examina-se a trajetória de Victor Hugo no contexto das revoluções chinesas da primeira metade do século XX e mostra-se que, depois de ingressar no campo literário e intelectual chinês, Hugo foi reinterpretado à luz das exigências históricas da luta contra o despotismo, da salvação nacional e da transformação social. O artigo “‘Literature of the Soul’ of Dante in the *Cremation (Huozang)* by Lao She” desloca o foco para uma relação mais interna entre a literatura italiana e o romance chinês moderno: Dante deixa de aparecer como mera referência estrangeira na obra de Lao She e transforma-se, em meio à crise ética da guerra, em julgamento da alma e em escrita do sofrimento nacional, como um recurso espiritual para compreender a realidade chinesa. Em conjunto, esses dois artigos indicam que a circulação das literaturas francesa e italiana na China não decorreu simplesmente da influência dos clássicos, mas de um processo pelo qual intelectuais chineses, diante das crises da modernidade, recorreram a tradições estrangeiras e reconfiguraram seus próprios quadros de reflexão.

As relações entre a China e as literaturas neolatinas, contudo, não se esgotam no modo como o campo intelectual chinês extrai recursos de literaturas estrangeiras. Elas também nos permitem observar mecanismos de transmissão cultural que, embora não sejam transparentes, possuem grande força heurística. É, precisamente, nos fluxos literários de longa distância que se tornam especialmente visíveis as questões relativas ao modo como um texto é visto, classificado e conduzido através de determinados mediadores — ou à margem deles. No artigo “Visibilidad condicionada: Gertrudis Gómez de Avellaneda en una historia literaria china”, é mobilizada a noção de “visibilidade condicionada”, para descrever a posição de Avellaneda na história literária chinesa, mostrando que a entrada de uma escritora estrangeira não equivale à sua plena visibilidade, mas muitas vezes implica uma forma de existência reconhecida e, ao mesmo tempo, limitada por quadros historiográficos já estabelecidos. Em “Décentrer la médiation: lire Christine de Pizan en Chine au prisme d’une épistémologie de la distance”, o autor transforma a própria

“distância” em condição de conhecimento, sugerindo que, longe de constituir somente um obstáculo que obscurece o texto, a mediação pode tornar-se uma ocasião para reorganizar itinerários de leitura e deslocar a dependência de uma única mediação anglófona. O estudo “Clarice Lispector na China: tradução, mediação editorial e recepção digital de *A Hora da Estrela* no eixo Sul-Sul” traz essa discussão para o campo contemporâneo da edição e da recepção digital. Partindo da atuação da tradutora, do editor e das instituições editoriais envolvidas, e recorrendo à análise de dados de plataformas digitais, o artigo mostra como leitores chineses puderam perceber afinidades com a obra de Clarice Lispector sem depender integralmente da mediação crítica ocidental. Esses três casos revelam uma consciência aguda da mediação, algo que talvez não seja acidental, uma vez que os escritores e textos, aqui discutidos, situam-se, de diferentes maneiras, às margens das ordens literárias e críticas dominantes, seja por gênero, região, língua ou rotas de circulação. A recepção desses autores e textos em contextos linguísticos e culturalmente distantes pode, portanto, abrir novas possibilidades interpretativas.

Cabe notar também que a China não se limitou à condição de campo receptor nos intercâmbios literários. O estudo “Du savoir chinois à l’imaginaire français : Honoré de Balzac, Théophile Gautier, Jules Verne” apreende, com precisão, o processo pelo qual o conhecimento sobre a China ingressou no imaginário literário francês. Tomando Balzac, Gautier e Verne como pontos de partida, o estudo examina como esse conhecimento foi reelaborado na literatura francesa, convertendo matéria, imagem e gosto em elementos capazes de organizar representações do mundo distante e da experiência moderna. Embora essa transformação permanecesse condicionada por quadros europeus de saber e pelos gostos de sua época, ela nos lembra que o diálogo entre a China e as literaturas neolatinas não tem início com a recepção, pela China, de literaturas estrangeiras; ele já se encontra no interior das próprias literaturas neolatinas, em seus modos de compreender, apropriar-se e recriar a China.

Essa relação bidirecional não constitui uma exceção restrita à literatura francesa do século XIX; ela prossegue nas práticas contemporâneas de tradução entre o chinês e o português, especialmente no eixo sino-brasileiro. Em “A tradução de poesia na China: das práticas tradutórias às reflexões teóricas”, a autora parte da tradição chinesa da tradução poética, para reconstruir o percurso de suas práticas e reflexões teóricas e mostrar como essa tradição pode contribuir para uma poética sino-brasileira do traduzir, para além das mediações hegemônicas ocidentais. Já no artigo que segue, o autor leva essa discussão ao exame de um caso específico de tradução. Em seu artigo, “(Re)construindo caminhos para a descolonização do cânone literário: ‘Construção’, de Chico Buarque, em chinês”, o autor discute como “Construção”, ao entrar na língua chinesa, reconstrói as relações entre forma, som e crítica social; para tanto,

apoia-se nas reflexões de ZHANG Longxi sobre a interpretação intercultural e estabelece um contraste com duas canções chinesas. É particularmente significativo que a tradição poética chinesa, a experiência tradutória e as estruturas estéticas sejam aqui retomadas por pesquisadores situados em outras posições linguísticas e culturais, tornando-se recursos ativos para a reinterpretação de obras das literaturas neolatinas.

Se o recurso a ZHANG Longxi pode ajudar um sinólogo brasileiro a repensar a emblemática canção “Construção”, os artigos finais do dossiê mostram ainda que o pensamento chinês e suas categorias críticas podem oferecer caminhos interpretativos promissores aos estudos literários brasileiros. O ponto decisivo aqui não é aplicar externamente uma teoria chinesa aos textos brasileiros, mas examinar se as duas experiências literárias contêm estruturas de questionamento capazes de iluminar-se mutuamente. O artigo “Entre os dois Jecas de Lobato: o labirinto da rusticidade brasileira à luz de Lu Xun” relê a figura de Jeca em Monteiro Lobato por meio de Lu Xun, colocando em diálogo as reflexões da literatura chinesa moderna sobre o “caráter nacional”, os dilemas rurais e a ética do esclarecimento com os escritos brasileiros sobre o atraso, as populações rurais e a ansiedade diante da modernização. O estudo “Land, Body, and Collective Claim: Reading *Torto Arado* through Chinese *Xiangtu* Thought” volta-se para a literatura brasileira contemporânea a partir de uma perspectiva afim. Aqui a autora recorre ao conceito chinês de *xiangtu* (“terra de origem”), para compreender as relações entre terra, corpo e reivindicação comunitária no romance de Itamar Vieira Junior, mostrando que a experiência chinesa não é meramente um objeto de comparação, mas pode tornar-se também um método capaz de abrir novas vias de reflexão sobre a ética da terra e o sujeito coletivo na literatura brasileira contemporânea.

Em “Felicidade Clandestina, Felicidade Primeira: Clarice Lispector e a expansão das Categorias da Poética Chinesa”, a autora estende essa linha de investigação ao plano da forma e da teoria. Enquanto os artigos sobre Monteiro Lobato e Itamar Vieira Junior recorrem mais diretamente ao pensamento chinês, para compreender as dimensões sociais e materiais da literatura brasileira, este artigo tem a ambição teórica de perguntar se categorias da poética chinesa podem ser incorporadas à análise formal do romance moderno e adquirir novo poder explicativo diante de uma narrativa tão interiorizada, fragmentária e poética quanto a de Clarice Lispector. Além de ampliar nossa compreensão de Clarice por meio da poética chinesa, o estudo testa e expande, por meio dos textos clariceanos, os limites do próprio conceito de “romance poético”. Desse modo, o diálogo entre a China e as literaturas neolatinas ultrapassa o plano dos objetos, materiais ou temas e se manifesta também como abertura recíproca de categorias críticas, compreensões formais e fronteiras teóricas.

Retomando a problemática geral do dossiê, o conceito de “descolonização do saber” não pressupõe um programa teórico já concluído. Muitos dos artigos aqui reunidos tampouco se contentam em seguir os caminhos teóricos mais seguros e padronizados; procuram, antes, estabelecer novas conexões entre materiais, línguas e problemas. Ousam deixar o centro de lado, em vez de apenas repetir declarações “anticentristas”; ousam justapor tradições literárias distantes sem pressupor que elas só possam se encontrar por meio de algum sistema teórico já estabelecido; ousam recorrer ao saber alheio e também produzir pensamento próprio. Tais tentativas talvez não produzam conclusões definitivas a cada passo, mas podem abrir novas questões, novas relações entre materiais e novas direções interpretativas.

O que este dossiê busca não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida. Pretende mostrar que o “Sul Global” não pode reduzir-se a um slogan facilmente invocado, devendo constituir uma prática de produção de saber que se realiza concretamente por meio da escrita, da tradução, da leitura e da reflexão crítica. Esperamos também que os artigos aqui reunidos possam, desse modo, despojar os conceitos de seus excessos retóricos e permitir que as relações entre a China, as literaturas neolatinas e, de modo mais amplo, as literaturas do Sul Global assumam formas mais materiais, mais substantivas e mais mutuamente transformadoras.

FAN Xing. Professora Associada da Escola de Línguas Estrangeiras da Universidade de Pequim, onde coordena o Departamento de Português e dirige o Núcleo de Cultura Brasileira. É também secretária-geral adjunta da Associação Chinesa de Estudos Literários Hispânicos e Portugueses. É mestre e doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e sua pesquisa concentra-se na literatura e na cultura brasileiras. Tradutora entre o chinês e o português, sua tradução realizada em colaboração com Francisco Foot Hardman recebeu o 6º Prêmio ABEU de Tradução em 2020. Em 2022, publicou *Jorge Amado e a Invenção da Identidade Nacional Brasileira*.

Fabio Akcelrud DURÃO. Professor Titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Doutor pela Duke University, atua nas áreas de teoria literária, Escola de Frankfurt, modernismo de língua inglesa e teoria crítica brasileira. É autor de

Teoria em fragmentos: Instantâneas de vida acadêmica (2024), *Ensinando Literatura* (com André Cechinel, 2022), *Metodologia de pesquisa em literatura* (2020) e *O que é crítica literária?* (2016), entre outros livros. Publicou artigos em periódicos brasileiros e internacionais e foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) entre 2014 e 2016.

WEI Ran. Professor Associado do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Tsinghua. Doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade de Pequim em 2012. Atualmente, é secretário-geral da Associação Chinesa de Estudos Literários Hispânicos e Portugueses. Sua pesquisa concentra-se na literatura de língua espanhola do século XX, nas relações literárias entre a China e a América Latina e na história intelectual latino-americana. Publicou estudos sobre José Rizal e literatura mundial e traduziu obras de Walter D. Mignolo e Gabriel García Márquez. Em 2023-2024, foi pesquisador visitante do programa Harvard-Yenching na Universidade de Harvard.

ZHANG Wen. Professora associada da Escola de Línguas Estrangeiras da Universidade de Pequim. Possui doutorado pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Suas pesquisas concentram-se na ética da tradução, bem como na tradução e na recepção da literatura infantil francesa. É autora de *Literatura infantil francesa: teoria e prática* e publicou mais de trinta artigos acadêmicos nessas áreas. Além de sua atuação acadêmica, é tradutora de textos literários e teóricos franceses. Entre suas traduções estão *Carta sobre os cegos para uso dos que veem*, de Denis Diderot; *Sobre a tradução*, de Paul Ricoeur; e *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*, de Antoine Berman. Sua tradução da obra de Berman recebeu, em 2021, o Prêmio Fu Lei de Tradução e Publicação.